

ASCENÇÃO DO SENHOR

CIC 659-672, 697, 792, 965, 2795: a Ascensão

- 659** «Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus» (Mc 16, 19). O corpo de Cristo foi glorificado desde o momento da sua ressurreição, como o provam as propriedades novas e sobrenaturais de que, a partir de então, ele goza permanentemente¹. Mas, durante os quarenta dias em que vai comer e beber familiarmente com os discípulos² e instruí-los sobre o Reino³, a sua glória fica ainda velada sob as aparências duma humanidade normal⁴. A última aparição de Jesus termina com a entrada irreversível da sua humanidade na glória divina, simbolizada pela nuvem⁵ e pelo céu⁶, onde a partir de então, está sentado à direita de Deus⁷. Só de modo absolutamente excepcional e único é que Se mostrará a Paulo, «como a um aborto» (1 Cor 15, 8), numa última aparição que o constitui Apóstolo⁸.
- 660** O carácter velado da glória do Ressuscitado, durante este tempo, transparece na sua misteriosa palavra a Maria Madalena: «[...] ainda não subi para o Pai. Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus» (Jo 20, 17). Isto indica uma diferença entre a manifestação da glória de Cristo Ressuscitado e a de Cristo exaltado à direita do Pai. O acontecimento da ascensão, ao mesmo tempo histórico e transcendente, marca a transição duma para a outra.
- 661** Esta última etapa continua intimamente unida à primeira, isto é, à descida do céu realizada na Encarnação. Só Aquele que «saiu do Pai» pode «voltar para o Pai»: Cristo⁹. «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem» (Jo 3, 13)¹⁰. Abandonada às suas forças naturais, a humanidade não tem acesso à «Casa do Pai»¹¹, à vida e à felicidade de Deus. Só Cristo pôde abrir ao homem este acesso: «subindo aos céus, como nossa cabeça e primogénito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu corpo»¹².

¹ Cf. Lc 24, 31; Jo 20, 19.26.

² Cf. Act 10, 41.

³ Cf. Act 1, 3.

⁴ Cf. Mc 16, 12; Lc 24, 15; Jo 20, 14-15; 21, 4.

⁵ Cf. Act 1, 9; também Lc 9, 34-35; Ex 13, 22.

⁶ Cf. Lc 24, 51.

⁷ Cf. Mc 16, 19; Act 2, 33; 7, 56; também Sl 110, 1.

⁸ Cf. 1 Cor 9, 1; Gl 1, 16.

⁹ Cf. Jo 16, 28.

¹⁰ Cf. Ef 4, 8-10.

¹¹ Cf. Jo 14, 2.

¹² *Prefácio de Ascensão, I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 410 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 474].

- 662** «E Eu, uma vez elevado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12, 32). A elevação na cruz significa e anuncia a elevação da ascensão aos céus. É o princípio dela. Jesus Cristo, o único sacerdote da nova e eterna Aliança, «não entrou num santuário feito por homens [...]. Entrou no próprio céu, a fim de agora se apresentar diante de Deus em nosso favor» (Heb 9, 24). Nos céus, Cristo exerce permanentemente o seu sacerdócio, «sempre vivo para interceder a favor daqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus» (Heb 7, 25). Como «sumo sacerdote dos bens futuros» (Heb 9, 11), Ele é o centro e o actor principal da liturgia que honra o Pai que está nos céus¹³.
- 663** Doravante, Cristo *está sentado à direita do Pai*: «Por direita do Pai entendemos a glória e a honra da divindade, em cujo seio Aquele que, antes de todos os séculos, existia como Filho de Deus, como Deus e consubstancial ao Pai, tomou assento corporalmente desde que encarnou e o seu corpo foi glorificado»¹⁴.
- 644** Sentar-se à direita do Pai significa a inauguração do Reino messiânico, cumprimento da visão do profeta Daniel a respeito do Filho do Homem: «Foi-Lhe entregue o domínio, a majestade e a realeza, e todos os povos, nações e línguas O serviram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará jamais, e a sua realeza não será destruída» (Dn 7, 14). A partir deste momento, os Apóstolos tornaram-se as testemunhas do «Reino que não terá fim»¹⁵.

Resumindo:

- 665** *A ascensão de Cristo marca a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celeste de Deus, de onde há-de voltar*¹⁶, *mas que, entretanto, O oculta aos olhos dos homens*¹⁷.
- 666** *Jesus Cristo, cabeça da Igreja, precede-nos no Reino glorioso do Pai, para que nós, membros do seu corpo, vivamos na esperança de estarmos um dia eternamente com Ele.*
- 667** *Jesus Cristo, tendo entrado, uma vez por todas, no santuário dos céus, intercede incessantemente por nós, como mediador que nos garante permanentemente a efusão do Espírito Santo.*
- 668** «Cristo morreu e voltou à vida para ser Senhor dos mortos e dos vivos» (Rm 14, 9). A ascensão de Cristo aos céus significa a sua participação, na sua humanidade, no poder e autoridade do próprio Deus. Jesus Cristo é Senhor: Ele possui todo o poder nos céus e na Terra. Está «acima de todo o principado, poder, virtude e soberania», porque o Pai «tudo submeteu a seus pés» (Ef 1, 20-22). Cristo é o Senhor do cosmos¹⁸ e da história. N'Ele, a história do homem, e até a

¹³ Cf. Ap 4, 6-11.

¹⁴ São João Damasceno, *Expositio fidei*, 75 [De fide Orthodoxa 4, 2]: PTS 12, 173 (PG 94, 1104D).

¹⁵ Cf. Símbolo Niceno-Constantinopolitano: DS 150.

¹⁶ Cf. Act 1, 11.

¹⁷ Cf. Cl 3, 3.

¹⁸ Cf. Ef 4, 10; 1 Cor 15, 24.27-28.

criação inteira, encontram a sua «recapitulação»¹⁹, o seu acabamento transcendente.

- 669** Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é o seu corpo²⁰. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente a sua missão, continua na terra por meio da Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em virtude do Espírito Santo, exerce sobre a Igreja²¹. «O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja»²², «gérmen e princípio deste mesmo Reino na Terra»²³.
- 670** Depois da ascensão, o desígnio de Deus entrou na sua consumação. Estamos já na «última hora» (1 Jo 2, 18)²⁴. «Já chegou pois, a nós, a plenitude dos tempos, a renovação do mundo já está irrevogavelmente adquirida e, de certo modo, encontra-se já realmente antecipada neste tempo: com efeito, ainda aqui na Terra, a Igreja está aureolada de uma verdadeira, embora imperfeita, santidade»²⁵. O Reino de Cristo manifesta já a sua presença pelos sinais miraculosos²⁶ que acompanham o seu anúncio pela Igreja²⁷.
- 671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (Lc 21, 27)²⁸ pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal²⁹, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido³⁰, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»³¹. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia³², para que se apresse o regresso de Cristo³³, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (Ap 22, 20)³⁴.
- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel³⁵, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas³⁶, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do teste-

¹⁹ Cf. Ef 1, 10.

²⁰ Cf. Ef 1, 22.

²¹ Cf. Ef 4, 11-13.

²² II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 3: AAS 57 (1965) 6.

²³ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 5: AAS 57 (1965) 8.

²⁴ Cf. 1 Pe 4, 7.

²⁵ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 48: AAS 57 (1965) 53.

²⁶ Cf. Mc 16, 17-18.

²⁷ Cf. Mc 16, 20.

²⁸ Cf. Mt 25, 31.

²⁹ Cf. 2 Ts 2, 7.

³⁰ Cf. 1 Cor 15, 28.

³¹ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 48: AAS 57 (1965) 53.

³² Cf. 1 Cor 11, 26.

³³ Cf. 2 Pe 3, 11-12.

³⁴ Cf. 1 Cor 16, 22; Ap 22, 17.

³⁵ Cf. Act 1, 6-7.

³⁶ Cf. Is 11, 1-9.

munho³⁷; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»³⁸ e pela provação do mal³⁹, que não poupa a Igreja⁴⁰ e inaugura os combates dos últimos dias⁴¹. É um tempo de espera e de vigília⁴².

697 *A nuvem e a luz.* Estes dois símbolos são inseparáveis nas manifestações do Espírito Santo. Desde as teofanias do Antigo Testamento, a nuvem, umas vezes escura, outras luminosa, revela o Deus vivo e salvador, velando a transcendência da sua glória: a Moisés no monte Sinai⁴³, na tenda da reunião⁴⁴ e durante a marcha pelo deserto⁴⁵; a Salomão, aquando da dedicação do templo⁴⁶. Ora estas figuras são realizadas por Cristo no Espírito Santo. É Ele que desce sobre a Virgem Maria e a cobre «com a sua sombra», para que conceba e dê à luz Jesus⁴⁷. No monte da transfiguração, é Ele que «sobrevém na nuvem que cobriu da sua sombra» Jesus, Moisés e Elias, Pedro, Tiago e João, «nuvem da qual se fez ouvir uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito, escutai-O!”» (Lc 9, 34-35). É, enfim, a mesma nuvem que «esconde Jesus aos olhos» dos discípulos no dia da Ascensão⁴⁸ e que O revelará como Filho do Homem na sua glória, no dia da sua vinda⁴⁹.

792 Cristo «é a Cabeça do Corpo que é a Igreja» (Cl 1, 18). Ele é o Princípio da criação e da Redenção. Elevado à glória do Pai, «tem em tudo a primazia» (Cl 1, 18), principalmente sobre a Igreja, por meio da qual estende o seu reinado sobre tudo quanto existe.

965 Depois da Ascensão do seu Filho, Maria «assistiu com suas orações aos começos da Igreja»⁵⁰. E, reunida com os Apóstolos e algumas mulheres, vemos «Maria implorando com as suas orações o dom daquele Espírito, que já na Anunciação a cobrira com a Sua sombra»⁵¹.

2795 O símbolo dos céus remete-nos para o mistério da Aliança que nós vivemos, quando rezamos ao Pai. Ele está nos céus: é a sua morada. A casa do Pai é, pois, a nossa «pátria». Foi da terra da Aliança que o pecado nos exilou⁵², e é para o Pai, para o céu, que a conversão do coração nos faz voltar⁵³. Ora, foi em Cristo que o céu e a terra se reconciliaram⁵⁴, porque o Filho «desceu do céu», sozinho, e para lá nos faz subir juntamente consigo, pela sua cruz, ressurreição e ascensão⁵⁵.

³⁷ Cf. Act 1, 8.

³⁸ Cf. 1 Cor 7, 26.

³⁹ Cf. Ef 5, 16.

⁴⁰ Cf. 1 Pe 4, 17.

⁴¹ Cf. 1 Jo 2, 18; 4, 3; 1 Tm 4, 1.

⁴² Cf. Mt 25, 1-13; Mc 13, 33-37.

⁴³ Cf. Ex 24, 15-18.

⁴⁴ Cf. Ex 33, 9-10.

⁴⁵ Cf. Ex 40, 36-38; 1 Cor 10, 1-2.

⁴⁶ Cf. 1 Rs 8, 10-12.

⁴⁷ Cf. Lc 1, 35.

⁴⁸ Cf. Act 1, 9.

⁴⁹ Cf. Lc 21, 27.

⁵⁰ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 69: AAS 57 (1965) 66.

⁵¹ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 59: AAS 57 (1965) 62.

⁵² Cf. Gn 3.

⁵³ Cf. Jr 3, 19 – 4, 1a; Lc 15, 18.21.

⁵⁴ Cf. Is 45, 8; Sl 85, 12.

⁵⁵ Cf. Jo 12, 32; 14, 2-3; 16, 28; 20, 17; Ef 4, 9-10; Heb 1, 3; 2, 13.